

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

VISENTINI, Paulo Gilberto Fagundes. Paulo Gilberto Fagundes Visentini (depoimento, 2015). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (1h 54min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO (CNPQ). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Paulo Gilberto Fagundes Visentini
(depoimento, 2015)**

Rio de Janeiro

2019

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: História de vida

Entrevistador: Celso Castro;

Técnico de gravação: Ninna Carneiro;

Local: Porto Alegre - RS - Brasil;

Data: 20/08/2015

Duração: 1h 54min

MiniDV: 2;

Entrevista realizada no contexto do projeto “História Audiovisual das Ciências Sociais no Brasil”, desenvolvido com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), entre dezembro de 2012 e dezembro de 2015, com o objetivo de constituir um acervo audiovisual de entrevistas com cientistas sociais brasileiros.

Temas: África; Ásia; Assuntos administrativos; Atividade profissional; Brasil; Centros de pesquisa; Ciência política; Crise política; Crises econômicas; Economia; Editoração; Ensino fundamental; Ensino médio; Ensino primário; Ensino público; Ensino superior; Europa; Família; Globalização; Golpe de 1964; História; Infância; Leonel Brizola; Magistério; Marxismo; Ministério das Relações Exteriores; Narrativa; Oriente Médio; Pensamento político; Pesquisa científica e tecnológica; Pós - graduação; Relações internacionais; Rio Grande do Sul; Tolerância religiosa; Universidade de São Paulo; Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Viagens e visitas;

Sumário

Entrevista: 20/08/2015 A origem familiar; a educação modesta do pai; os primeiros estudos; as memórias de 1964; a liberdade religiosa e a influência dos pais na disciplina para estudar; as escolas implementadas pelo governo Leonel Brizola no Rio Grande do Sul; as diferentes narrativas do regime militar; a falta de participação política no ginásio; o real ponto de impacto do regime militar na sua própria experiência; a entrada no científico e a necessidade de trabalhar durante o dia; o vestibular; a entrada no curso de Economia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul; as aulas à noite e o trabalho durante o dia; concomitância do curso de Economia e História; o entendimento das obras de Karl Marx; a saída do curso de Economia e a dedicação ao curso de História; o interesse por temas internacionais e a impossibilidade de adentrar às Relações Internacionais naquele momento; o ingresso no mestrado em Ciência Política; o afastamento da História; a orientação ideológica dos pais; a ida para a Universidade de São Paulo (USP) para o doutoramento; os contatos durante o doutorado; o estranhamento no departamento da UFRGS de seus estudos; a viagem a turismo em 1994; a recorrência de viagens tempos depois; as Relações Internacionais dentro da História; as escolhas para pensamento e estudo das primeiras décadas do século XX; as adaptações aos temas de pesquisa durante o mestrado e o doutorado; a ignorância do universo acadêmico brasileiro sobre diversos outros países; a transição para Relações Internacionais; os cargos administrativos no Departamento de História da UFRGS; a explosão do interesse nas Relações Internacionais; a criação do curso de Relações Interacionais na UFRGS; a projeção das Relações Internacionais na UFRGS; o desenvolvimento dos Núcleos de pesquisa e suas institucionalizações; o envolvimento de pesquisadores de diversas áreas; as publicações e o ensino de excelência no campo das Relações Internacionais; o gosto por estar também fora da academia; a docência em Universidades europeias; o principal interesse em estudos relacionados ao Oriente Médio, Ásia e África; as interações com o Itamaraty; as preocupações acerca da crise política e econômica mundial; a realidade de especialistas no Brasil; o mercado editorial em outros países; a riqueza de produção internacional nos diversos países visitados; as dificuldades nas universidades brasileiras; os alcances da UFRGS; as preocupações recorrentes com a globalização.

Entrevista: 20/08/2015

C.C. – Paulo, em primeiro lugar, obrigado por ter aceito o nosso convite para fazer a entrevista. Como eu disse, é uma trajetória de vida. A gente vai seguir os seus principais momentos acadêmicos e profissionais. Mas no início a gente sempre gosta de perguntar um pouco sobre a família de origem, a sua infância e a escolaridade antes da faculdade. Você nasceu já em Porto Alegre?

P.V. – Sim. Pois é, a minha família é de origem italiana por parte de pai e, por parte de mãe, tem português, espanhol, guaranis do Paraguai. Vieram todos daquela região de Santa Maria, ali no centro do estado, onde tem um colônia italiana. A minha mãe era mais da zona urbana, filha de um marceneiro e o meu pai era agricultor, trabalhava no campo. Nos anos 1950, no início dos anos 1950, migram, vieram para Porto Alegre. Era época de auge do êxodo rural. O meu pai tem uma escolaridade mínima, ele estudou só cinco anos e a minha mãe começou o segundo grau, mas casou muito cedo, então não pôde retomar os estudos. Então eu sou de uma família muito modesta. O meu pai, quando veio para Porto Alegre, trabalhava como pedreiro com os irmãos. Enfim, faziam casas, etc.

C.C. – Quantos filhos eles tiveram?

P.V. – A minha geração... Eu tenho mais dois irmãos. O meu pai, eles eram oito, minha mãe, eles eram três. Quatro, aliás. Um faleceu. Já eles tiveram três e eu, e meus irmãos cada um tem um. Então é bem o retrato da evolução demográfica. Eu sempre tive uma vida, assim, muito simples, vivendo em subúrbios. Eu nasci em 1955, então...

C.C. – Vocês moravam em que bairro?

P.V. – Aqui tem um bairro chamado Petrópolis, eu morei até os sete anos. Depois mudamos para um bairro chamado Teresópolis. Subúrbio, parte de Morro Alto. A vida é muito simples, não era uma casa de livros. Um irmão da minha mãe se tornou juiz, mas a gente não tinha muito contato. Então, por exemplo, eu pude ter uma boa escolaridade porque, na época, era o efeito do Leonel Brizola, que foi governador aqui, e ele criou um sistema de escolas públicas muito simples. Então eram encomendadas de madeira, eram pré-moldadas. Tinha essas escolas, ele abriu, assim, por todo o estado. E o nível era bastante razoável. Na época, eu estudei com livros

que eram descartados de anos anteriores. Nunca tinha a bibliografia atualizada, vamos dizer assim. E fiz o que antigamente se chamava o primário e o ginásio. Eram cinco mais quatro anos. Eu frequentava muito, ficava muito na biblioteca. Gostava de livros, mas não tinha livros em casa.

C.C. – No mesmo colégio? Era a mesma escola que você estudou?

P.V. – Eu estudei na mesma escola. Mesma escola que ficava nesse bairro próximo da minha casa, a duas quadras. Então era essencialmente uma vila suburbana. Quando eu tinha sete anos, mais ou menos, eu comecei a... Desculpa. Quando eu tinha nove anos, que veio o golpe militar, foi o período, então, que eu vivi ali. Meus pais eram, vamos dizer, de uma visão política que tinha no Rio Grande do Sul: eram os PTBs e os anti-PTBs. Ou seja, a velha oligarquia rural e o chamado trabalhismo. Então eles tinham uma... Não eram militantes, eram pessoas simples, mas eles tinham um grande reconhecimento ao Getúlio Vargas, ao Brizola.

C.C. – Jango também?

P.V. - Jango, obviamente. A minha mãe chegou a estudar em uma escola... A minha mãe era metodista e ela chegou a estudar, em Santa Maria, em uma escola que era uma escola dessa ordem e que era comandada por americanos. Eram pessoas americanas. Então ela sempre teve uma visão que sempre favorecia mais as coisas da Europa e dos Estados Unidos. Esse era o horizonte. Ela chegou até a ganhar uma bolsa para estudar lá, mas não pôde ir porque ela abandonou os estudos, porque casou e ficou grávida em seguida e tal. E ela sempre, embora sempre respeitando essa tradição, mas ela tinha um quê cultural dessa igreja, de uma visão de enxergar sempre o hemisfério Norte e o Atlântico Norte, em volta do Atlântico Norte, como um paraíso perfeito, ideal a ser atingido. Do lado materno recebi muito assim... O meu pai era católico, italiano católico. Eu nunca fui obrigado, nunca me obrigaram a ir à igreja. Eu ia porque tinha vontade, quando queria e nunca me envolvi muito nas questões religiosas, mas, hoje, passado o tempo, eu reconheço que há uma cultura nessas religiões que, no caso aí da metodista, realmente, como diz o nome, era um senso de responsabilidade, então até hoje eu estou devendo um *paper*, eu me sinto tremendamente culpado, não descanso enquanto não terminar. Tenho horror a desperdício, coisas que vieram disso aí. Um pouco também desse meio rural, aquela coisa de nunca deixar a comida no prato para jogar fora. Mas eu recebi do

lado dela e tinha até mais influência pelo lado dela, culturalmente, quando era menor. Graças a isso, aos contatos dela, às vezes alguns vizinhos me emprestavam, tinham lá a *National Geographic*. Então tinha pessoa que tinha, no fim do ano descartava aquilo e passava. Aí eu esperava o dezembro, ali, quando eu recebia, que eu entrava de férias e os poucos livros que caíam nas mãos, alguns romances, coisas que tinha na época, quando caía em casa, eu... Muitas vezes também não viajávamos. Eu chegava a ler três vezes o mesmo livro. E ela sempre fez muito esforço para eu estudar. O primeiro livro que eu tive, eu tinha 12 anos de idade, minha mãe comprou, à prestação, um atlas. Da *Seleções*, do *Reader's [Digest]*. Um atlas grande e tal, que eu tenho até hoje. Em 2008, eu recebi um título aqui no município, em Porto Alegre, em que a Secretaria da Cultura, ela tem uma premiação anual por umas cinco, seis categorias: *Intelectual do ano*. E aí na entrevista no jornal, a entrevista estava um pouco chata, e daí quando ele pergunta: “Ah, mas você deve ter se criado...” Aí pergunta: “Quantos livros você escreveu?” Eu disse: “Olha, é meio difícil dizer, porque às vezes alguns se esgotam, aí você pega, remodela, atualiza, faz meio que um livro novo com o livro antigo, mas acima de 30 eu diria que em torno do número de coisas começados do zero e tal.” “Ah, mas o senhor se criou em uma casa cheia de livros.” Eu disse: “Não, não tínhamos livros. Meu sonho era ter livros e eu não tinha. E me incomodava ver gente que tinha e não lia, não dava a menor importância.” Então esse atlas, por exemplo, eu percorria todos os lugares do mundo, olhava aquilo ali. Lembrar que era uma época que não se tinha muita informação, não se tinha internet, não existia nada disso. O meu pai, ele já era, vamos dizer assim, mais terceiromundista. Então se tinha uma guerra no Oriente Médio, ele via lá: “Ah, pois é, os egípcios com o Nasser e tal.” A minha mãe já tinha mais simpatia pelos mais fortes, mais desenvolvidos e ele não, ele era sempre mais solidário com os povos em processo de emancipação. Ouvia rádio, via filmes e gostava muito daquilo, então, Guerra do Vietnã... Aí tinha um mapa ali, peguei, fiz uma escala e copiei o mapa. Não tinha outros meios também. Copiei aquele mapa. Juntei quatro folhas de almanaque em ordem e reproduzi aquele mapa com perfeição em cima do... Ampliei. Então ficava ouvindo as notícias do Vietnã, da Guerra do Vietnã, aí ficava marcando onde é que aconteciam os combates, etc. Quando eu passei para o colégio, o segundo grau, naquela época, foi justamente um pouquinho antes da reforma que os militares fizeram. Os militares, eles enxugaram os conteúdos das disciplinas básicas e puseram coisas instrumentais. “Nem todos precisam ir para a universidade, tem que ter conhecimento meio profissional.” Eu não peguei isso. Eu estava exatamente na última turma que não estava nisso aí. Inclusive, se eu fosse reprovado, eu teria

que voltar a... Eu nunca fui um estudante de estudar demais os os conteúdos que me dessem. Era *muito* atento na aula, era um aluno disciplinado e tímido e não gostava de grandes grupos, de gente que estava sempre competindo. Tenho até hoje uma verdadeira ojeriza a competição. Eu acho, assim, um dos valores mais baixos que existem no ser humano é a competição. Não gosto disso. E isso aí talvez eu tenha herdado um pouco mais do lado do meu pai, porque a cultura protestante, ela é individualista, ela é... Eu fiz uma simbiose curiosa disso aí, que eu acho que, no fim das contas, nenhum dos dois lados gostam do resultado. Mas eu prestava muita atenção na aula e eu ia sempre muito bem nas provas. Só tive problemas por volta lá do finalzinho do ginásio, quando a família teve problemas. Problemas financeiros, problemas de saúde, etc., a gente morava com os avós também, aí foi uma época muito desorganizada na família, tive que fazer uma ou duas recuperações. Aí eu entrei no colégio Júlio de Castilhos, que foi, na época, um colégio que era um colégio de elite, mas era um colégio público. Um colégio público. Então tinha que prestar um exame para entrar, para fazer o segundo grau. Deixa eu fazer uma correção aqui, porque fiquei pensando nas estruturas, conta do seguinte: eu entrei nessa escola quando eu... Eu fiz os cinco primeiros anos em um grupo escolar chamado Ceará, esses de madeira, chamavam “Brizoletas”. Eram escolas muito simples. “Brizoletas”, porque era o Brizola que tinha feito e era uma estrutura de madeira, simples, assim. Até nessas ilhas do Guaíba, onde inundam, eles fizeram umas palafitas e tinha ali para as comunidades de pescadores que moravam ali, tinham escola. Hoje já nem existe mais. Então eu, na verdade, quando terminava essa parte, tinha que ir para uma escola que tivesse o ginásio. Então eu entrei ali, eu fiz uma seleção no Colégio Militar, no colégio Júlio de Castilhos e em um colégio protestante que havia no bairro. Eu passei nesse protestante, passei no Júlio de Castilhos, que chamavam Julinho e na escola militar eu não passei porque, realmente, era muito disputado. Então eu entrei nessa escola, que era uma escola de elite, e nessa época, em função aí já do repique do regime militar, que quando chega após 1968, é que começa a haver as coisas. Então eu era... Sempre eu saía de casa, assim, *muito* recomendado. Dizia assim: “Olha, tu não se envolve em coisas aí, porque esses teus colegas são filhos de empresários, filhos de general, filho de militar e sempre vai alguém lá e tira eles.” Então eles me diziam isso. Eu não entendia muito bem, porque realmente baixou uma... Eu acho que o curioso... Eu ouço as narrativas sobre o regime militar e elas me parecem muito desfocadas da realidade mais profunda do regime militar. Porque ela é essencialmente uma narrativa de uma classe média esclarecida, politizada, que raramente, raramente... Quando vão falar do resto da população, falam do

Esquadrão da Morte, de coisas desse tipo. Esquadrão da Morte não político, mas de caça a pequenos criminosos, e eles não atentam ao impacto... Não li nada até hoje. Tenho em casa uns seis mil livros, sendo que uns quatro eu já despachei porque não eram mais... Ainda tenho seis, mas quatro mil eu não... São coisas que nunca mais ia trabalhar, enfim, não tinha mais espaço. E eu acho que é uma ignorância sobre o que a população simples, que não escreve e que não se manifesta, mas tem opinião, vive e sofre, como ela viu o regime militar. Então havia um...

C.C. – O que você acha que seria diferente?

P.V. – Isso. Em primeiro lugar, é um sentimento de... Não chega a ser um pânico, mas um certo medo difuso. Ou seja: “Olha, os nossos políticos, os nossos amigos todos foram banidos, presos, etc, então a gente está desprotegido e não tem mecanismo de expressar.” Então, por exemplo, isso eu vi no Julinho, naquele colégio, como era chamado, o Julinho, carinhosamente. Aqueles que eram de família rica, eles participavam. Eram muito politizados, muito ativos, estavam sempre puxando palavra de ordem e tal e aqueles que eram pobres, eles ficavam observando. Que era o meu caso. Então eu observava muito a coerência entre o discurso e a prática, mas a gente era mantido meio fora. Eu era muito jovem e a gente era mantido meio fora dessas questões. E também esse estrato mais básico da sociedade, ele sofreu uma propaganda mais difusa. Não só aquela propaganda oficial, que vinha como..., na televisão, alguma coisa que fosse dada, mas como, por exemplo, os meios de comunicação tradicionais, eles, de certa forma, se adaptaram e foram nos tirando aquela efervescência política que havia antes. Que eu me lembro de ser pequeno e ser levado com o pai manifestações políticas, enfim, que era do antigo trabalhismo lá, do antigo PTB. Então aquilo baixava, assim, era como uma névoa, e havia como que um silêncio, um certo acordo para se dizer certas coisas, mas não era aquela coisa da classe média, “a causa da minha vida”. Não. A gente começou a sentir o regime militar na geladeira. A geladeira já não enchia como antigamente. Então aos 15 anos eu comecei a ajudar o meu pai. Depois ele se tornou um...

C.C. – Ajudar como?

P.V. – Trabalhar em períodos de férias, porque eu não tinha o que fazer e ia junto com ele na obra, dar uma mão.

C.C. – Trabalhava de pedreiro?

P.V. – É. Ajuda, entende? Era um auxiliar. “Vai lá e busca...”, ajuda. “Vai lá e busca aqueles tijolos para cá.” Essas coisas assim. Ficava ali. Então, aos 16 anos, quando eu entrei no que seria esse segundo grau, tinha duas opções, o colégio: ou clássico ou o científico. Se fosse fazer as disciplinas humanistas, mais ênfase nas humanistas, ou mais ênfase nas técnicas. Eles queriam que, principalmente a minha mãe, que cuidava mais disso: “Não, você tem que ser um engenheiro, tem que ser alguma coisa assim e tal.” Então me botou na que tinha mais Física, Matemática, etc. Física eu entendo bem, Matemática é uma coisa indiferente para mim, Química, nos três anos eu tive os três piores professores da minha vida, que davam essa disciplina. Até hoje eu tenho uma lacuna e hoje eu preciso disso, por incrível que pareça. Mas eu fui formado para ir para área das exatas. Mas eu tive que trabalhar, comecei a trabalhar aos 16 anos e passar a estudar à noite. Eu comecei trabalhando nove horas por dia, entregando títulos de bancos. Caminhava o dia *inteirinho* e ganhava...

C.C. – Como office boy?

P.V. – Como se um fosse um carteiro, mas o carteiro, ele tem um número pequeno de ruas e uma grande quantidade de correspondência. Ou seja, ele sai com uma sacola grande e vai largando três ou quatro coisas em cada casa. Eu não. Eu tinha títulos de banco, que as pessoas tinham que assinar para receber e um era longe do outro. Quando conseguia dois em uma quadra era... Então eu tinha que caminhar uma *grande* distância. Eu era um adolescente gordinho e tal e eu fiquei um fiapo, assim, em dois meses, porque era um sol abrasador e você caminhando, caminhando, caminhando na rua. E, depois de um tempo, eu consegui trabalhar em uma gráfica, que era perto da minha casa, pessoas conhecidas. Mas era um trabalho braçal, um trabalho de cortar papel. Até hoje, como eu gosto muito da parte editorial, eu tenho, assim, um conhecimento técnico da parte editorial. A tecnologia mudou e tal, mas eu também fui acompanhando. Então eu trabalhava nisso quando eu estudava. E, realmente, tempo de estudo em sala de aula... Aula à noite já era *outra* coisa. Uma coisa muito diferente.

C.C. – No científico você estudava à noite já?

P.V. – À noite. Então eu comecei uns meses de dia e no meio do ano eu consegui um emprego de carteira assinada. Ganhava... Como era menor, você tinha o salário mínimo de menor. Então ainda era menos do que o salário mínimo. E sábado de manhã, inclusive. Quatro horas e meia.

Então o tempo que sobrava para estudar mesmo era no domingo, porque era impossível. Foi muito curioso, porque o ano passado eu estive na – coisa rara – eu estive na Coreia do Norte com uma delegação, e aí, depois das visitas, aquelas coisas assim, a gente ficava no bar tomando cerveja, no bar do hotel, e ficava ali o tradutor e um homem do partido, que acompanhava a gente, e o homem do partido tinha sido professor de inglês, falava inglês perfeitamente, e nós estávamos conversando, eu disse: “Olha, felizmente, agora o nosso curso na federal é um curso que é à tarde. Nós não temos quase que dar aula à noite.” Aí o coreano olhou assim e disse: “*In the evening?*” “Sim, nós temos aula à noite.” Aí ele pegou um bloquinho – são muitos respeitosos, não querem fazer perguntas, mas ele realmente ficou muito impactado – “Mas como?” Ele disse assim: “Como que uma pessoa pode trabalhar oito horas e ainda ter força e foco para os estudos à noite? Porque aqui na Coreia, não. Estuda o dia inteiro e depois vai para casa. Quem estuda, estuda. Quem trabalha, trabalha.” Eu disse: “Ah, não, mas lá tem isso. E alguns fazem que ensinam, outros fazem que aprendem e acabam pegando o diploma depois.” “Hum... Interesting... Interesting...” Mas a situação era uma pouco essa. Era um pouco difícil. Eu tinha um amigo que, vamos dizer assim, que era um pouco mentor intelectual, me puxou muito, que também estava na mesma situação. No caso dele era uma família que foi maior e foi melhor posicionada e que foi declinando. E eu tinha muitas dúvidas, não sabia o que fazer quando terminasse o colégio. Depois de um tempo eu consegui trabalhar em banco. Trabalhava em banco também, onde a exploração não foi menor. Ou seja, se fazia horas extras que não recebidas, se perguntava e diziam: “Olha, se você quiser, põe na Justiça, mas você nunca mais vai conseguir um emprego em banco.” E a gente deixava passar. Então teve um aspecto de repressão socioeconômica no regime militar que passa batido nessa questão. É sempre o problema que uma elite de esquerda teve. Toda questão é centrada nisso. Muito pouco... [O resto] é uma análise sociológica muito superficial. Isso é um campo que ninguém explorou direito. Pois bem, cheguei no final, eu tinha que fazer um... Não sabia que vestibular fazer e meu colega ia fazer para Arquitetura. Ele queria. Aí nós dois vamos fazer para Arquitetura. Os dois foram reprovados. Ele se concentrou em estudar muito, muito. Aí não saíamos mais fim de semana, nada. E eu pensei melhor e resolvi fazer curso de Economia. Exatamente nesse prédio aqui, que já foi um prédio muito bonito antes de um incêndio nos anos 1950, esse aqui, e que foi, até 1950, esse colégio, o Julinho. Hoje é mais adiante, ali. E eu fiz para Economia e passei.

C.C. – Isso foi em que ano, Paulo?

P.V. – 66. Em 66 eu entrei no curso de Economia.

C.C. – Isso você tinha 20 anos? Você nasceu em 1955?

P.V. – É, nasci em 1955.

C.C. – Você tinha 21 anos.

P.V. – É, tinha completado. Eu tinha um ano a mais de estudo, que era o quinto. Eu entrei com sete na escola. Na época, se entrava um pouco mais tarde. Não era que nem hoje que o pessoal bota o garoto com cinco anos já na escola, era com sete. Então eu tinha 21. Mas eu era uma pessoa muito tímida. Eu não participava muito das coisas. Gostava muito de cinema, ia ao cinema e tal. Passei, então trabalhava de dia no banco ainda. Em outro, na financeira. Aí já um pouco melhor. Eu ganhava dois salários mínimos, quase. E estudava à noite. Mas eu fiquei um pouco frustrado com o curso de Economia. Muitos bons professores haviam sido cassados. Professores de História. Havia os seus discípulos, que tomavam um certo cuidado, mas que davam aulas muito boas. Inclusive um que ainda leciona aqui, nos tornamos amigos em 1979, estudando aqui ainda, nos tornamos amigos. Até hoje somos amigos. Pedro Cesar Dutra Fonseca, economista e ele estudava um pouco a sociologia. Eu resolvi... Eu também comecei a ficar um pouco descrente das coisas que eu ensinava, ou seja, o que você pode fazer para maximizar os seus lucros; como você pode colocar as pessoas para trabalhar menos, ganhando menos e tal. E também estava sendo um pouco de... Desilusão existencial, sabe? Eu estava um pouco sem rumo e resolvi, sem saber muito bem o que era História, uma visão meio idealizada da História, fui fazer o curso de História. Fiz outro, fiz um segundo vestibular e fazia as duas faculdades simultaneamente. Uma pela manhã e uma pela noite, o que me obrigou a largar o meu emprego e pegar uma dessas bolsas aqui da universidade, que ganha menos que meio salário mínimo. Aí foi um período realmente de penúria, porque meus pais ficaram, assim... Meu pai, ele era tolerante. A minha mãe era mais inflexível a isso: “Vai morrer de fome, vai ser um ilustre desconhecido. Fazer isso como *hobby* mais tarde. Imagina, História.” Mas eu fiz. Fiz essa opção, então tudo que eu ganhava me pagava simplesmente o transporte e o bandeirão universitário. Nada, nada, nada mais. Não conseguia comprar roupa, não conseguia comprar livro, etc. E eu, com alguns professores aqui na economia, cadeiras teóricas principalmente, eu

aprendi muito. Eu aprendi muito em algumas cadeiras de História e aí, vamos dizer assim, na época, a moda era ser de esquerda, ser marxista e ser militante. Todo mundo sabia Marx de cor e tal e eu sempre fiquei em uma atitude reservada, porque eu via um discurso que dizia: “Não, a classe operária: assim.” E eu pensava: “Mas não é assim. Não é assim como eles estão dizendo. Não é assim.” Muito reservado. Mas quando eu comecei a ter cadeiras teóricas com bons professores, ao ler os clássicos eu tive, daí, oportunidade de ler os clássicos da História e aqui também. Clássicos eu não estou falando só disso, mas Maquiavel, Hobbes, enfim, clássicos. Mas quando chegou na literatura marxista, os conceitos eram extremamente abstratos e áridos. O Marx era um dos autores mais chatos de ler [inaudível]. Ele tem livros bons dele, mas a maioria é de livros ligados ao capital. Esse professor que tinha um grupo de estudos domingo de manhã. A gente se reunia para discutir, a cada semana preparava um capítulo e aí ele explicava aquelas categorias, mas nunca passamos do segundo volume. Mas os textos que lidavam mais com questões políticas, sim. Essa abstração árida, que para uns ficava assim... Tanto é que depois entrava e... Eles repetiam, mas eu vi que, no decorrer da vida deles, saiam pelo outro ouvido. Eu pude, vamos dizer assim... A situação da minha família, a minha situação pessoal, o meio onde eu vinha, aquilo se encaixou *perfeitamente*. Eu não diria que eu era, antes, essa pessoa um pouco revoltada com as coisas, mas eu não encontrava um foco. E quando eu aprendi aquela parte teórica, aquilo ali encaixou *perfeitamente*. Aquilo fez sentido para mim. Frases abstratas e aí eu dizia: “Bem, agora eu entendo por que antes do fim do mês... Começa a chegar perto do fim do mês meus pais começam a ficar nervosos...” Qual é a importância de pagar aluguel? Por que não se resolve o problema da habitação se é um problema que, tecnicamente, se pode resolver? Porque você precisa ter a pessoa sempre dependente de alguma coisa. Então até culturalmente isso se reflete na sociedade. No meio do curso larguei a Economia. Entrou uma parte que era realmente muito árdua. Eu recordo *perfeitamente* de uma aula sobre crise de 1929 e eu tive pela manhã, na História, uma aula sobre crise de 1929 e uma aula de macroeconomia aqui, crise de 1929. Pela manhã a professora explicou evolução da economia no final da Primeira Guerra, como foi a recuperação, a especulação, etc. Traçou um panorama completo como se chegou à superprodução. O professor da Economia, ele começou uma fórmula... “X é igual a não sei o que. Y...” Começou aquela fórmula, ele não citou o nome de nenhum país, ele não citou o nome de nenhum produto. Ele começou uma conta explicando, chegou no fim do quadro e disse: “Isso foi a crise de 1929”. Basta, fui embora. Fui embora e terminei o curso de História. E aí, no curso de História me encontrei, consegui... No meio do

curso consegui uma bolsa de pesquisa, que era raro naquela época. Como eu não era irresponsável... A maioria das pessoas era absolutamente irresponsável na área das humanas. Eu era muito sério. Eu fazia as tarefas, eu mergulhava.

C.C. – A bolsa era ligada a algum professor?

P.V. – Isso. Tinha uma professora que chamava Helga Landgraf Piccolo – de casada. Ela também era, assim, de marchar em passo de ganso. Então ela simpatizou com meu jeito.

C.C. – E era sobre o que a pesquisa?

P.V. – A pesquisa era sobre sistema político aqui no Rio Grande do Sul e na época do império. A bolsa que existia. Ela trabalhava sobre isso e eu consegui apresentar como um projeto aquele período que vai de 1822 a 1830. Como é que no ano de 1822, por tudo que aconteceu, se chegou a 1830. Como é que houve uma evolução curiosa, que não parecia ser em 1822 era em 1830. E como esse projeto no plano nacional. Eu fiz e essa foi a minha monografia da época, monografia de conclusão de curso. Ela ganhou um prêmio em uma instituição aí de História e foi publicada como livro. E com o contato que eu tinha feito com os professores de Economia – que já eram em sua maioria jovens, os professores eram pós-graduandos – então eles tinham uma pequena revista e eles me convidaram para escrever e eu escrevi. Eu me recordo que isso aí me abriu muito espaço para escrever. Mas quando eu terminei o curso, eu fui fazer o mestrado em Ciência Política aqui na universidade também e eu já vinha me interessando muito por temas internacionais. Mas, naquela época, só existia um curso de Relações Internacionais, em Brasília. Um curso muito difícil e não havia possibilidade de deslocamento, de me sustentar lá, nada disso. Mas, ao me formar, eu consegui começar a lecionar em uma escola. Tinha uma escola técnica... A universidade tinha uma escola ligada à Faculdade de Educação. Esses colégios de aplicação que eles chamam hoje, as novas técnicas pedagógicas são ensinadas, e tinha uma escola técnica, que era ligada a essa faculdade aqui, que hoje é o Instituto Federal. Se separou.

C.C. – Escola Técnica de Comércio?

P.V. – Exatamente. Então eu entrei nessa escola para dar aula de História para gente que não gostava de História.

C.C. – Isso foi assim que você terminou a licenciatura ou o bacharelado?

P.V. – Sim, sim. Eu até tive um momento de substituição de um colega que lecionava e se apaixonou por saxofone e disse: “Olha, eles querem alguém que termine o semestre e eu não vou mais continuar. Acho que tu és o cara mais sério que eu vejo aqui e tal.” Aí ele me colocou para dar aula. Nossa, aí eu já tinha me transformado muito ali naquele... Estava com um cabelo pela... No site tem uma espécie assim de... No site da prefeitura tem um... – eu posso passar o link para vocês – tem um apanhado fotográfico dessa evolução. Aquelas barbas de [inaudível]. Como eu tenho, meio, também um sangue índio, eu tenho pouca barba, aí fica aquela coisa que parece um filósofo chinês. O cabelo comprido, porque éramos conjuntos de música pop da época. Padrão meio cortadinho em cima e comprido assim. Usava aquilo. E vim dar aula em uma escola que era uma escola, geralmente, para quem trabalhava ou ia trabalhar em empresa. Então, vamos dizer assim, eles respeitavam muito a minha erudição. Achavam, assim, que eu sabia *muita* coisa, mas eu tive que me adaptar ao que seria um ambiente hostil. Eu vejo que hoje as pessoas querem assim: “Não, é o meu direito. Isso eu não quero fazer.” Eu nunca tive essa opção na minha época formativa. Seja por ser regime militar, seja por ter que manter um emprego em uma instituição que podia fazer assim e me colocar para a rua. Então eu procurei me adaptar ao público e dizer: “Como que eu posso apresentar esses conteúdos, essa visão, inclusive com alguma percepção teórica por trás, de uma forma que eles...” Então, eu nunca fui, assim, vamos dizer, um intelectual de salto alto. Porque eu vejo uns colegas que liam um livro, enchiam o peito e vinham com aquele discurso para cima de qualquer pessoa. Desde o motorista até um doutor que ele encontrasse, ele ia conversar com o mesmo tom. Então eu me adaptei ali no... Fiz o mestrado, onde eu pude trabalhar um pouco sobre política internacional. Eu tive um orientando dessa área.

C.C. – Só uma dúvida antes. Já existia mestrado em História aqui, não?

P.V. – Ele era um curso de especialização. Agora, eu queria ir... Ter outros professores e queria ter um conhecimento exatamente da Ciência Política. E ali senti... Tive professores bons na História, mas na Ciência Política tinha *muitos* professores bons no mestrado e nas áreas que me interessavam, sabe? Então, entender as estruturas de poder, etc. E até naquela época, a História, ela já começou... É curioso, mas os temas *hard* eram discutidos durante o regime militar e, à medida que a democratização avançou, a História se tornou *soft*. Ou seja, temas

mais light, que vinham da França, temas culturais... Começou a vir a tal de nova história, que não era o que eu queria. Eu queria o poder tal como ele era. E vem dessa época da faculdade, de conhecer a realidade dos outros regimes militares que havia na região, por ter tem colegas, etc. E essa visão teórica que eu tive, associada à minha percepção de vida, de família, acoplada às grandes transformações... Porque a segunda metade dos anos 1970... Quando eu fiz o meu pós-doutorado com o Fred Halliday na *London School of Economics*, ele era um terceiro mundista, mas principalmente um homem especializado em Oriente Médio e no sistema mundial. Falava, assim, umas 10, 15 línguas. Vários tipos de árabe. Como ele disse, em um período de 10 anos houve 14 revoluções no mundo. Um pouquinho antes de terminar a guerra do Vietnã, até o início dos anos 1980. E isso aí era um parto. E isso, a gente recebia essas notícias e começou a acompanhar. Então eu era de uma família assim... Meu pai respeitava muito o capitão Luís Carlos Prestes. “Não, um grande homem e tal.” Tinha até uma simpatia por uma ideia de que, além do PTB, o que existiria, era o socialismo. A minha mãe, pelo contrário, era uma anticomunista... Não era pessoa que fizesse disso uma cruzada, mas a sua visão era uma visão individualista, o ideal era os Estados Unidos, então ela sempre falava mal. Então cresci em um ambiente onde eu via isso aí como uma coisa desagradável. É, nesse momento, me... E era exatamente um momento que a União Soviética, ela começa a ter dificuldades, etc., mas foi o momento que eu pude ter uma compreensão disso aí. Mas eu não cheguei... Eu me dava com pessoas que pertenciam a determinados movimentos. Sempre rejeitei o discurso fácil do trotskismo. Eu acho até hoje um discurso muito fácil, muito fácil. E procurava aí mais conviver com experiência via participação popular mesmo, por que que esses regimes eram assim etc., sem fazer um julgamento prévio. Então vendo aquelas lutas, a participação dos cubanos em Angola, os conflitos da África, a Guerra do Vietnã, isso me trouxe, assim, não uma simpatia ingênua, mas, digamos assim, naquele período, durante a graduação, fora de militância, fora de indução, fora de qualquer processo indutivo, eu, por minha conta, eu juntei peças desse quebra-cabeça e disse: “Olha, isso aí tem um sentido histórico transcendente.” Comecei a estudar e nunca tive uma visão negativa. É importante dizer: eu nunca cheguei a... Nunca fui militante de nenhum grupo. Nessa época, o PT estava se formando, aí nos anos 1980, e eu também achei um discurso assim... “Primeira força de esquerda do Brasil.” Espera aí. E os anarquistas? E os comunistas? Eu nunca gostei disso: “Nós estamos iniciando o mundo...” Eu sempre fiquei com o pé atrás. E, mesmo quando eu apoiei, apoiei muitas vezes, apoiei como cidadão, apoiei como intelectual, dar cursos e coisas assim.

Eu sempre tive tom crítico de dizer: “Olha, atenção, isso não está claro. Onde é que está o limite? Onde é que o partido está?” Coisas que acontecem hoje não me surpreendem. Eu sempre vi... E eu vejo que teve os seus lados positivos, negativos, o socialismo realmente existente, mas também, sabe? Eu não me deixei levar por aquelas coisas e, quando terminei o meu mestrado... No mestrado eu tive um professor de Relações Internacionais, que vinha da Suíça, o Ricardo Seitenfus.

C.C. – Ricardo Seitenfus

P.V. – É. Ele...

C.C. – Ele tinha acabado o doutorado, não é?

P.V. – Ele tinha acabado o doutorado, contratado. Ele veio...

C.C. – Na Suíça. Período mais ou menos que vocês...

P.V. – Isso. Estudou Vargas, a coisa da guerra, etc. Eu quase fui..., aí nesse início dos anos 1980 me casei com a minha primeira e única namorada. A gente já estava há um tempão, aí eu casei. E eu consegui até, quando [entrei] no mestrado, uma bolsa.

C.C. – Isso em que ano?

P.V. – Em 1981. A gente já estava morando junto, mas... Eu fiquei, assim, em uma situação um pouco complicada, porque, naquela época, a bolsa era... As bolsas eram complicadas, sabe? Então eu teria que ir e ela teria que ir só como turista. Entrava e saía. E o meu orientador, ele botou muita pilha no início, mas quando ele viu que estava para ir, ele esfriou e eu me senti inseguro, sabe? E também comecei a pensar o seguinte: “Eu, nessa idade, vou chegar em um lugar assim, vão me ditar muito a regra.” Então eu acabei não indo, apesar de ter ganho bolsa do CNPq. Eu não fui e abriu concurso naquela época para o Departamento de História. E aí eu fiz esse concurso, não passei em primeiro lugar, mas fui aprovado e, poucos meses depois já surgiu uma vaga e eu fui assumir, então.

C.C. – Aí parou de dar aula na escola técnica?

P.V. – Não. Não parei porque eu tinha um regime... Hoje tudo é dedicação exclusiva. Naquela época não tinha, então eu continuei. E até porque eu ganhava mais. Eu ganhava mais ali. Eu dava aula em cursos de especialização privados. Me chamavam, dava aula nesse colégio de segundo grau e dava aula na faculdade. E aí, em 1988, eu fui fazer doutorado na USP com o Edgard Carone, que foi uma pessoa que tinha sido uma referência nos meus estudos sobre história do Brasil e tal. Um senhor de idade e era um *gentleman* e era uma pessoa muito íntegra e tal. Ele me ajudou mais ao que não fazer, como não fazer. Na época, minha tese... Muito material, como era parte de diplomacia, pegar política externa independente, anos 1950 e tal, muita coisa não estava acessível, porque ela chega até 1964. Então foi difícil em termos de fonte, mas foi muito enriquecedor colocar o Brasil, no contexto das outras nações... E terminei, defendi em 1993.

C.C. – Mas você chegou a morar em São Paulo, ou ia e voltava?

P.V. – Não, eu morei um tempo em São Paulo. Depois que terminei os créditos eu ia e voltava para ter reuniões com ele e, mais tarde, eu tive uma bolsa da Fapesp, uma bolsa de professor visitante do Núcleo de Pesquisas de Relações Internacionais do Guilhon de Albuquerque, que eu conheci. Mas eu defendi, voltei e estava já trabalhando. Em 1994 eu comecei a trabalhar em dois cursos de pós-graduação, mas era visto como uma coisa meio exótica dentro da História, um sujeito que estudava uma história quase que o presente e que estudava não a história do seu Estado, alguma coisa do Brasil aqui, mas era do Brasil para o mundo, ou estudava questões ligadas a outros países, assim, meio exóticos. Até porque havia uma coisa muito curiosa: eu nunca havia viajado. Ou seja, eu... Aqui no Rio Grande do Sul nós estamos à distância de ônibus... A gente pega um ônibus em Porto Alegre às 10h da noite e às 6h da manhã está em Montevideu. Uma viagem excelente, principalmente nas estradas deles. Isso eu tinha ido. Tinha ido a Buenos Aires também, que fica mais 4h horas, está lá. Mas eu nunca tinha... Isso era com carteira de identidade, não tinha passaporte. E em 1994 eu fui viajar de turismo.

C.C. – Já com mais de 40 anos.

P.V. – É, 38 anos. Eu fui... E aí acabei casando, segunda núpcias. Eu tenho um filho do primeiro casamento, que depois vem morar comigo, hoje ele é veterinário. No segundo casamento a gente tinha uma curiosidade de ver Cuba porque era tido assim: “Vai afundar e rápido.” Então

1994 foi assim – janeiro de 1994 – e foi exatamente o *pior* período econômico depois que acabou a União Soviética. Então combinava, assim, praia com uma olhada de perto. Aí eu fui, fomos lá, e nos surpreendeu, uma viagem que surpreendeu não por aquele discurso que a esquerda faz: “Ah, o anti-imperialismo; ah, que sistema de saúde; ah que sistema educacional!” Não. O que absolutamente me surpreendeu lá foram as pessoas. Um tal de homem novo. O que realmente me impactou era a atitude das pessoas. A atitude das pessoas era algo fora do comum, que eu não havia presenciado pessoalmente, só em livro e tal. E aí eu me dava conta do seguinte: como o que fica registrado é o que as pessoas, com muito estudo, escrevem e a percepção que eles têm das coisas. Como teve uma massa de gente, uma outra realidade, que não tem essa oportunidade de expressar o que sente, como vivem. E tudo aquilo que fica documentado nos museus que a gente visita... Você só vê museu de grandes castelos, de grandes mansões e tal. Tem um museu na Escócia, tem um *Warwick*, que se chama *People's Museum*. Aí você chega assim, eles reconstituíram como é que eram as choupanas onde moravam 90% da população da Inglaterra. O que eles usavam, como é que viviam e descobrir aquilo lá na Escócia, entende já mais da revolução industrial. E são quase museus às moscas. Ninguém vai nesses museus. Então, vamos dizer assim, eu fui em janeiro e a minha segunda viagem se deu em setembro para uma missão acadêmica do Itamaraty à Ásia., onde eu fui assistir a uma reunião dos institutos de estudos estratégicos internacionais asiáticos, dos países asiáticos, que eram Cingapura, e dali visitei Macau e Hong Kong, quando ainda eram territórios comunais, e depois visitei, então, as excursões chinesas. Então houve uma coisa fora do comum, porque antes de ter estado nos Estados Unidos ou na Europa, além dos vizinhos daqui, eu estive em Cuba e depois no extremo oriente. E aí, bom, eu já tinha condições e começamos a viajar um pouco de turismo. Aí conheci Portugal e Espanha e tal. Voltei da viagem tinha já um... Eu tinha concorrido a um curso de especialização que iam dar no México sobre integrações. Ao invés de levar os alunos para a Europa, eles traziam os professores europeus para o México e reuniam todos ali. Foi também uma experiência muito gratificante e tal, mas a partir dali foi meio que João Paulo II, ou seja, não parou mais. Não parou mais de viajar. Já visitei 55 países, mas já uma pessoa mais madura. E o interesse de pesquisa, aquilo que eu trazia da História, uma análise da história mundial, eu passei... E dentro da História eu fui migrando cada vez mais para temas de Relações Internacionais praticamente. Então há um conhecimento da parte sistêmica, do sistema mundial, como é que ele funciona, e como atividade de pesquisa, o Brasil e as relações do Brasil com esse mundo afro-asiático. O interesse era assim: eu tinha... Quando

criança, quando eu olhava aquele atlas, eu não gostava de ter um lugar que eu não soubesse o que tinha ali. Então é um país estranho e aí eu ia atrás para descobrir. “O que tem nesse tal de Butão? O que é isso lá? Que paizinho é esse? Como é que eles vivem?” Então foi muito curioso, porque as viagens que eu fiz, quando eu chegava nos lugares, por exemplo, na China e tal, conversando com o pessoal da Academia de Ciência da província de Jiangxi – depois fiz outras viagens à China – aquelas conversas de jantar, eu disse: “E como é que está esse combate à desertificação que vocês estão fazendo aqui no norte?” “How do you know?” Aí eles dizem: “Não, você tem que vir aqui...” Aí conversava como se eu tivesse ido lá *várias* vezes. Tendo colegas que às vezes iam e tratavam coisas, de interesse muito pontuais e saíam. Saíam sem nunca ter interagido, nunca deixaram nada lá. Então, para mim, era uma grande oportunidade estar ali e eu tinha na minha cabeça a quantidade de conhecimentos, de coisas que eu queria interagir, verificar, como eram as coisas. Então essas viagens todas, as pessoas, por exemplo, tinham a impressão que eu já conhecia o lugar e não era o caso. Mas eu pude, por exemplo, nas pesquisas mais recentes que eu fiz sobre África, eu pude visitar treze países africanos. Agora eu estou indo à Guiné Equatorial. Países não muito visitados às vezes, a Etiópia, onde está a sede da União Africana. Estive no Irã, Omã, Líbano, Turquia. Teve um caminho por países asiáticos. E esse tipo de trabalho, quando entra, quando começa a entrar na internet, você vai ficando registrado, com o que você faz e aí aparece convite, sabe? Coisas que começam a surpreender. Você recebe um convite do Instituto Mir na Rússia, que quer fazer um evento sobre o Brics. Isso há muitos anos atrás. Então você pensa: “Puxa, como chega em mim? O cara contata, aí depois chega lá e diz: “Não, eu li os seus artigos e não sei o que. Gostei muito, você tem uma visão muito boa.” Nesse ínterim, eu... Como eu nunca fui muito ambicioso... Eu vejo uma geração nova na academia hoje, que eles entram com uma ambição desmedida por um espaço que, na verdade, é um espaço pequeno e até ridículo em termos de espaços de poder. Eu nunca... É institucional mesmo. Eu nunca fui de brigar muito.

C.C. – Eu acho que o Kissinger já teve uma frase. “Briga-se muito na academia porque tem muito pouco em jogo.”

P.V. – Exatamente, exatamente. Então, por exemplo, eu fui chefe do Departamento de História sem ter nenhuma vontade. Era assim um nome de consenso que ninguém detestava. Então tá, está ali. “Bom, mas já que eu estou aqui... Bom, eu fui aluno, isso aqui tem uma série de absurdos. Tem cadeira de duas horas, três horas, quatro horas, cinco horas e seis horas. Então

por que não padronizar *todas*?” E era um lugar de difícil acesso, era longe, na época um transporte muito ruim. Então em vez de começar às 7h30min, começa 8h30min, mas com quatro horas corridas e tal. Aí o pessoal acomodado: “Ah, você é muito autoritário, você quer mudar tudo.” Eu disse: “Ué, mas isso está caindo de maduro. Pergunta para as pessoas se elas gostam de vir até aqui para ter duas horas de aula. Anda mais de ônibus do que aula.”

[FINAL DO ARQUIVO I]

C.C. – Só voltar um pouquinho, que eu queria fazer uma pergunta. Em relação aos temas que você acabou fazendo. No mestrado, tem um tema das relações internacionais, mas também a História: Francisco Campos, um pensamento autoritário. Como é que você chegou a esse tema? Você quis, ou seu orientador sugeriu?

P.V. – Não, eu estava com um conhecimento já acumulado dos anos 1920, 1930. Tive, para a graduação, muitos cursos que eu tive que dar sobre esse período, as guerras mundiais e a grande crise que houve com a Primeira Guerra e com a Revolução Soviética. Ou seja, tanto no sentido da grande diplomacia, mas como no sentido de que houve uma ruptura no mundo. Uma ruptura sistêmica. Quer dizer, a vitória de uma revolução e a permanência dessa revolução. E ela era motivos de debates, sabe? E uma coisa que me caiu nas mãos por alguns textos que eu li, era... Um professor de Minas, ele fez uma coletânea do pensamento autoritário brasileiro. Ele disse: “Olha, existe uma coisa adormecida no Brasil, que é um pensamento autoritário, uma visão de direita, mas que, em algum sentido, ela é, a maior parte dela, é modernizadora, com alguns autores que são exatamente o contrário, querem ficar parados no tempo, mas com visões modernizadoras, etc.” Então eu tinha muita dúvida sobre essa história de que: “Olha, não, Getúlio era fascista.” Aquela coisa que você aprendia meio uspiana, assim. O liberalismo paulista. Não por nada a USP é criada em 1932 e traz sempre um discurso historiográfico. E me caiu nas mãos, para fazer alguns trabalhos, esse autor, que foi ministro e que era um grande ideólogo. Eu disse: “Como é que...” Me chamava atenção como os conservadores ficaram em pânico quando essa revolução aconteceu e ela não retrocedeu. Ela não retrocedeu e, pelo contrário, lançou sementes que tiveram que ser esmagadas e tal. Então, assim, qual era a percepção desses? Vi gente que tinha escrito sobre Ruy Barbosa... O Ruy Barbosa tem um texto que é como o liberal... Como o mundo dos liberais se acabou, de certa forma, depois da Primeira Guerra. Porque ele disse assim: “Se você apoia a ordem, essa ordem está indo quase que para

o fascismo. E se você é crítico, você acaba levando água para o moinho do socialismo.” Ou seja, o espaço de atuação de um liberal desapareceu. Eu já vi muita gente trabalhar sobre isso. E, curiosamente, o tema da questão do pensamento autoritário da ditadura, ele estava sendo jogado para fora da agenda. E eu disse: “Poxa, a gente nem compreendeu isso muito bem.” Minas Gerais também sempre foi um centro difusor de ideias muito conservadoras. E eu achei um tema bom e eu tinha lido várias coisas europeias da época, Manoilescu, etc., que era o corporativismo. Não é a direita fascista e a minha ideia era assim. “Nós não tivemos... Os integralistas sim, se diziam fascistas e tal, mas esse aqui não é um pensamento fascista. Isso aqui é um pensamento de uma direita tradicional, que tem que se adaptar às novas condições internacionais. Isso aí, de alguma maneira, é contribuir para processos modernizadores dentro da ordem, como essa do Vargas, por exemplo.” Então isso eu queria compreender. Disse: “Olha, eu vou começar por uma coisa simples. Qual é a percepção que eles têm dessa crise internacional?” Mas vamos dizer assim, não foi um trabalho muito arrojado, faltou orientação, sabe? Mas me satisfez. Tinha um francês na banca e tal. Me satisfez fazer isso aí. Vamos dizer assim, o que foi possível fazer naquele momento ali, que você quase não tinha coisas de arquivos de relações internacionais. Só no doutorado que eu pude ir fazer.

C.C. – No doutorado o tema das instituições independentes foi você também que...

P.V. – Era o meu tema e o orientador pediu para... Disse: “Não, isso aí já começa com Vargas. Então você tem que pegar o último governo do Vargas.” Me obrigou um pouco a ganhar em extensão e perder em profundidade, sabe? Mas também foi um aprendizado válido. Na época a gente obedecia a sugestão. Eu tive que esperar um ano, porque ele não tinha vaga. Eu queria fazer com ele. Daí apliquei a esse tema e depois eu fiz um trabalho no pós-doutorado, continuando isso aí para fazer sobre a política externa do regime militar, que aí sim foi um livrão que foi o primeiro livro no Brasil sobre isso. O livro é um livro que para de pé. Quatrocentas páginas. Ele para de pé. É um calhamaço. Isso aí eu pude discutir com o meu orientador e tal, e fiz um levantamento e sempre preocupado como, desde 1930, o Brasil tem um processo de desenvolvimento que vai lidando com formas diferenciadas de sistema político e de inserção internacional. Então isso vocês vão dizer como uma pesquisa de brasileiro e o que um brasileiro tem que mostrar para o resto do mundo, porque quando eu chegava nos lugares... “Ah, é brasileiro, como é que você vê tal coisa?” Agora, eu estava com um pé dentro do Brasil e um pé para fora, porque, ao mesmo tempo, me chocava a ignorância, inclusive de

acadêmicos brasileiros, sobre a África, sobre a Ásia, sobre o Oriente Médio. Quer dizer, era uma coisa muito de imprensa, sabe? E às vezes você encontrava alguém, o sujeito era especialista na dança não sei do que do grupo tal da Guiné Bissau. Aí você perguntava do Senegal. “Ah, do Senegal eu não sei nada.” É só atravessar a rua. Então eu tinha uma curiosidade, também, de estudar esses temas e trazer. Em 1995 eu consegui bolsa de produtividade do CNPq junto com um grupo lá de Brasília. Comecei trabalhando esses temas da política externa brasileira, mas dentro do percurso, eu migrei para essa área então do mundo emergente, vamos dizer assim. Nunca América Latina. Ou seja, eu nunca tive muito... Assim, muitas pessoas se dedicavam a estudar a América Latina, a relação do Brasil com a América Latina. Eu achava já um quadro meio contaminado, meio cheio e meio contaminado por uma certa visão meio vitimizadora. “Nós, o imperialismo americano...” Aquela história. Era o pessoal grisalho em *As veias abertas da América Latina*. E eu pensava o seguinte: “Olha, o problema é que os americanos fazem o que compete a eles fazer. Agora, o curioso é que aqui dentro do Brasil as pessoas... Há grupos, há interesses muito fortes nisso. Eles não teriam a projeção que têm aqui dentro, ou nos países latino-americanos, se não houvesse uma base social e política muito forte, que vê nessa relação subordinada um [access], coisa que, enfim, é sua posição no mundo.” Então, vamos dizer assim, isso implicaria em muita briga e pouco avanço. Então eu disse assim: “Olha, eu tenho mais interesse nessas áreas que estão surgindo, que a gente não conhece direito.” Travar um impacto contra o fim da história do Fukuyama. Foi um momento também... Na época eu estava no doutorado, eu era muito engajado nisso. Eu organizei, logo assim que caiu a União Soviética, nós fizemos um seminário e foi publicado um livro que se chama *A nova desordem internacional*, logo depois que o Bush pai fez esse clichê que ganhou o mundo. Eu vi uma debanda de intelectuais progressistas, mesmo de acadêmicos e tal, que tomaram como dado e o colapso do Leste europeu pelos clichês jornalísticos. “Está dado isso aí, é enterrado.” Ou seja, era como o Fukuyama... Os caras seguindo o Fukuyama. Dizendo: “Acabou a história e esse projeto... Não, porque agora como vai ser a democracia, não sei o que, é o fim do stalinismo...” Eu disse: “Olha, eu acho que nós estamos entrando em uma ideia de que nós tivemos a formação de um sistema mundial, a partir lá do século XV, um período de formação do capitalismo, e ele amadurece com a hegemonia inglesa. Então do fim do século XVIII ao fim do século XIX houve uma hegemonia inglesa no mundo *indiscutível*. Do fim do século XIX até o fim da Segunda Guerra Mundial houve um período de caos sistêmico. Houve um período que não havia uma hegemonia, não havia um

sistema. Era uma luta não só entre potências, mas entre modelos de capitalismo e misturado isso com a questão do socialismo, até que vem uma hegemonia americana.” A minha percepção era exatamente que a queda da União Soviética também coincide com o início do declínio da hegemonia americana, que assim como da Inglaterra foi um longo processo, então veja bem, as pessoas diziam da China, depois do [inaudível]: “Ah, isso aí é só uma questão de tempo, porque agora vem uma nova geração, isso aí que eles estão desenvolvendo e aí vem a democracia em seguida.” Eu disse: “Olha, não é, eles são asiáticos. Isso não é só uma...” Projetar a história ocidental para esses países e a ignorância das pessoas sobre a história desses países era uma coisa que me assustava. A ponto de chegar em missões e fazerem perguntas para eles que eram quase uma ofensa. A pergunta já era uma ofensa, a maneira de perguntar... E os chineses ficavam olhando com um sorrisinho assim: “Quem são vocês para dar lição? Uns fracassados.” Eu lia na cabeça dos chineses, no sorrisinho irônico e em uma paciência de retomar a base e explicar, e mostrar a posição deles. É confuciano, exatamente.

C.C. – Agora, Paulo, só uma questão mais da sua inserção, vamos dizer, acadêmica. Mestrado e doutorado você está como professor na História, aqui.

P.V. – Isso.

C.C. – Ainda não tinha uma área de Relações Internacionais autônoma, não é?

P.V. – Quando eu terminei o doutorado, eu larguei aquela escola técnica, fiquei concentrado *full time*, daí para poder fazer pesquisa. Eu ganhei tempo para fazer pesquisa. Fui chamado para algumas atividades administrativas, fui chefe de departamento, fui coordenador de pós-graduação e depois eu fui diretor do Instituto Latinoamericano de Estudos Avançados, que é um centro interdisciplinar. É tipo o Centro de Estudos Avançados da USP. Então eles criaram um aqui. O Hélio Trindade criou, e eles queriam alguém... Olha, não tinham simpatia pelas Ciências Humanas, mas eles queriam alguém que tivesse trânsito e visão de amplos campos e tal, aí me encaixava. Tive essa experiência em uma época que, lamentavelmente, foi uma época de dinheiro seco. Pouco dinheiro, então. Mas a área de Relações Internacionais, como eu disse, ela não tinha. Quando estávamos no fim do governo Fernando Henrique Cardoso, as relações internacionais, elas começaram a aparecer. Na década de 1990 começou a florescer para todo lado. Se começa a década de 1990 com *um* curso de graduação e *um* de pós, que era a PUC do

Rio. E quando você chega hoje, você tem uns 80 e tantos de graduação e pós-graduação uns 30, talvez.

C.C. – Tem editais específicos para estimular isso, não é? San Tiago Dantas...

P.V. – É. Aí aconteceu o seguinte: as privadas são mais ágeis. Elas sentiram que esse clichê da globalização lhes dava alguma coisa. Eu fui avaliador do MEC, visitei várias instituições que só tinham nome de Relações Internacionais. Você chegava lá, via a grade, só tinha dois professores de Relações Internacionais e o resto todo era... Então eu estava muito engajado nisso e, quando veio o San Tiago Dantas, era uma proposta de criar, nas universidades públicas, cursos que meio que pautassem a área, que dessem um foco para que as demais se aglutinassem. Gente com muito dinheiro e tal. Então eu ajudei a criar um curso aqui, um curso que era um mestrado. Vice-coordenador, eu era. Infelizmente, a pessoa que era o contato, que tinha o dinheiro, que se meteu institucionalmente na briga, ela não tinha... Ela era da sociologia, não tinha uma visão adequada à área e não tinha a sensibilidade. Esse curso depois, ele fracassou. Mas onde eu estava como professor de pós-graduação, no curso de Ciência Política, porque eu dava aula na pós de História, que daí virou um mestrado e doutorado, e na Ciência Política, que é um curso já bem...

C.C. – Você estava nos dois programas?

P.V. – Estava nos dois programas. E o curso de Ciência Política, ele tinha uma linha de pesquisa, uma das quatro linhas de pesquisa era Política Internacional.

C.C. – Na História não tinha nada equivalente?

P.V. – Não. Eu dava disciplinas que tinham um nome assim e tal, mas ficava uma coisa meio geral. América Latina, coisas desse gênero assim. Mas eu comecei, então, como um dos poucos a virar uma referência porque os alunos não tinham muitas pessoas disponíveis e ali já se fez muita coisa no curso de Ciência Política. Acho que por 2004 nós criamos essa graduação aqui. Na época, eu me tornei secretário de relações internacionais da reitoria, que era responsável pela cooperação internacional da universidade.

C.C. – O reitor era?

P.V. – Era um engenheiro. Era José Hennemann. Ele era um engenheiro, mas foi muito bom trabalhar com ele, porque ele tinha também muita objetividade. Ele também se identificou comigo. Disse: “Olha, nós participamos de 500 associações em universidades, pagamos e...” [inaudível]: “Metade disso aqui é picaretagem, pode cair fora, porque os encontros são patéticos, não têm pauta, não têm política. É simplesmente uma associação para alguém ter...” E fiz uma limpa e dissemos: “Olha, mas nós temos um *vácuo* no mapa. Nós não temos acordos com a África, nós não temos acordos com a Ásia. Como é que alguém não tem acordo com a China?” [E mostrei] para ele: “Sabe quantos estudantes chineses, quantos por cento das vagas alemães são ocupadas hoje por estudantes chineses?” E mostrei pra ele, ele ficou impressionado e tal e me deu autonomia para trabalhar. E nesse momento, esse pessoal aqui da Faculdade de Ciências Econômicas queria inovar, porque essa faculdade aqui, ela já tinha abrigado o curso de Administração, mas virou uma coisa separada, então eles queriam inovar. O neoliberalismo, também, tirou muito da economia, sabe? Se você perceber bem, um bilhete de real. Eu vou pegar um bilhete de real. O que você tem aqui? Você tem a natureza e do outro lado você tem uma estátua sem olhos. Ou seja, você não tem mais nenhum personagem histórico. Você não tem nada que seja uma construção humana e o que acontece é exatamente uma imagem petrificada das instituições. Isso aqui, o desenho disso aqui é o neoliberalismo. E o neoliberalismo tirou a função do economista. Isso aqui mostra o seguinte: tudo que os economistas, tudo que a sociedade, os partidos, os governos tentaram, criar modelos econômicos, tudo fracassou. É o mercado que faz acontecer as coisas. Então eu coleciono muito dinheiro dos países onde eu vou e é sempre a cara do país. Não tem mais nem personagem histórico, não tem nada. É uma moeda morta. No curso eles resolveram, para inovar, criar um curso de Relações Internacionais. Eu vim aqui emprestado. Eu nem era obrigado a dar aula, porque eu estava na reitoria, mas mesmo assim eu dava aula lá na História e era curioso, porque às vezes eu tinha que dar uma cadeira lá e dava uma cadeira aqui. À noite lá era o curso que tinha o perfil socioeconômico mais baixo – as estatísticas começaram a avançar muito – o perfil socioeconômico mais baixo que tinha era História noturno. E eu dava aula aqui, às vezes, uma tarde por semana, às vezes, eu vinha aqui correndo, e o perfil socioeconômico daqui era o mais alto da universidade. O curso, quando ele... Ele é o segundo aqui, porque tinha um da La Salle, em Canoas, um ano antes. Então tinha uma demanda reprimida e vieram alunos muito qualificados. Muito, muito qualificados. Um grupo pequeno e tal, mas vamos dizer assim... A experiência foi tão bem-sucedida e os alunos eram inovadores, criativos, empreendedores. E

surgiu uma vaga, ia ter uma vaga aqui, conversei com o pessoal e disse: “Olha, o curso de história está consolidado e eu gosto do desafio de construir uma coisa nova.”. Então eu me transferi para cá em 2006. Eu me tornei professor só daqui, coordenei o curso. Aí nós criamos um... Quando aquele mestrado do San Tiago Dantas, daqui, afundou, os bons foram se retirando e aí virou um curso cheio de antropólogos e afundou. A Capes fechou. Então nós criamos esse programa que chama Estudos Estratégicos Internacionais, atraímos alunos de fora, começamos a trabalhar de uma forma inovadora, trazer gente de um outro perfil, não só o acadêmico tradicional. Lá em Cuba tem os balseiros, aqui nós temos os bolseiros. O cara pega bolsa de iniciação científica, bolsa de mestrado, bolsa de doutorado, bolsa de pós-doutorado. É aquele cara que, na verdade, nunca viu o mundo e só lê e estuda, não sai do prédio. Então a gente conseguiu atrair para a linha, por exemplo, de estudos de defesa muitos militares, delegados de Polícia Federal e gente que senta e estuda. Eu até digo para os acadêmicos de bolsa: “Olha aí! Tem uns militares que vêm aqui e estudam mais que vocês.” E não são preconceituosos. Muita gente da área... Porque essa palavra estratégica, nós não podíamos repetir o nome que ainda estava vigente de Relações Internacionais. E eu dei essa ideia. Um queria não sei o que comparado. Eu disse: “Não, a nossa visão aqui é uma visão de estudos estratégicos. Não vamos fazer uma competição. O Brasil está cheio agora de cursos de Relações Internacionais e nós estamos começando a competir uns com os outros, brigar, brigar... Vamos inovar então, vamos dar um foco diferente. Primeiro, vamos dar uma ênfase na cooperação Sul-Sul como pesquisa.” Bom, e isso aí atraiu gente, africanos e gente que vem, às vezes... Gente que fez Programa PEC lá no Nordeste, aí ele vem fazer mestrado aqui. “Mas por que você veio aqui?” “Ah, não, porque vocês aqui têm estudos africanos. Essa cooperação Sul-Sul tem uma ênfase na África e vocês têm uma visão...” Como é que eu vou dizer assim? “Uma visão que para nós é a correta. Vocês não nos enxergam como exóticos, mas simplesmente como um espaço geográfico e humano que está sendo disputado, que está construindo o Estado-nação, que está forjando isso, onde as classes sociais estão se configurando, etc.” Então eles vêm e nós temos resultados do tipo: um aluno de Cabo Verde se formou aqui e depois fez mestrado e agora entrou no doutorado e ele dizia: “É, mas o senhor podia me orientar?” Eu disse assim: “Olha, eu estou cheio de coisa para fazer. Você veio de Cabo Verde...” Nós ajudamos a criar uma universidade em Cabo Verde quando eu estava na reitoria. A universidade pública de Cabo Verde teve apoio nosso direto. Estivemos várias vezes lá, dei aula e tal. Eu disse: “Olha, eu gosto muito de Cabo Verde, já estudei, mas por que você não vai estudar [ali], em Cabo Verde?” Ele disse: “Não, professor.

Eu vim conhecer a África aqui. Porque na África a gente não estuda a África. Estuda aquelas coisas de história do colonialismo e tal e não estuda a África. Não conheço a África. O que me interessa são os conflitos do chifre da África.” Então aquela coisa da sub guerra da Somália e tal. O garoto hoje apresenta trabalhos aqui, no exterior, está em projetos de pesquisas do CNPq. Um africano que veio aqui e impulsionou. A gente tinha um grupo de pesquisa. Quando eu estava no Núcleo de Estudos Avançados eu criei o Nerint, que chamava Núcleo Brasileiro de Estratégia e Relações Internacionais. Isso aí o embaixador Samuel [Pinheiro] Guimarães participou da fundação.

C.C. – Isso está ligado aqui na UFRGS a...

P.V. – Está ligado... Ele é um grupo de pesquisa, que estava lá no Instituto de Estudos Avançados e que o ano passado, quando completou 15 anos, eu trouxe para cá. Eu disse: “Olha, agora nós já temos uma pós-graduação aqui, o lugar dele é aqui. Os bolsistas que trabalham nesse núcleo têm que pegar o ônibus e ir até lá...”, porque fica fora da cidade.” Campus do Vale. Eu disse assim: “Só o tempo que eles perdem de ônibus eles vão trabalhar aqui.” Esse núcleo, na verdade, foi o catalisador desse processo todo, quando não tinha a institucionalização. Aí a gente foi pescar com duas pessoas na Geografia; que trabalhavam temas internacionais; tinham duas pessoas da área do Direito que trabalhavam, tinha uma área da Administração; tinham três, ou quatro na História, tinha na Ciência Política, tinha aqui na Economia. Então a gente congregou essa gente e foi dessa massa crítica, que eu organizei isso aí e o embaixador Samuel Guimarães, na época, ele estava naquele setor do Itamaraty lá. O Ipri, [Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais], que promove seminários, publicações e tal. E pusemos como uma espécie de nosso patrono, porque ele era um homem crítico, que queria quebrar um pouco aquela visão da globalização, que nós devemos ingressar nisso aí porque é inevitável. Eu disse: “Mas você pode entrar em diferentes velocidades, de diferentes maneiras, com diferentes agendas. A China entrou também.”. Enfim, aí nós começamos a publicar livros. Olha, isso aqui, aqueles livros pardos ali, é uma coleção, nós publicávamos uma média de um por ano, são livros mais profundos. Isso aqui são teses e dissertações que a gente publicou com uma linha auxiliar, com algumas coisas avulsas publicadas junto com o Ministério. Hoje ela está sucedida por essa nova coleção. Esses aqui são livros que a gente começou depois uma série sobre África – que é a única que tem no Brasil – e isso aqui é uma revista que foi em 2012 a primeira revista em inglês sobre relações internacionais. Agora, esse

ano, a Revista Brasileira de Política Internacional, que existe desde 1958, adotou o padrão também, mas fomos nós que começamos em 2012. A gente publica na website em inglês e português, ou espanhol, dependendo de onde vem o artigo. E essa revista, ela tem um foco. Ela tem um foco, o mesmo foco do nosso núcleo de pesquisa. Ela é ligada ao Nerint e a esse pós aqui. Então que é um foco especial. Evidentemente, a gente faz, a partir de uma visão do sul uma análise dos problemas da Rússia, da Ucrânia, etc., com a União Europeia, política americana. Então isso aqui foram coisas que a gente publicou nesse período. Esse núcleo, ele foi fundamental para dar um espaço institucional para os pesquisadores dessa área e começar a publicar. Nós fizemos dezenas de seminários, etc. Isso aí sempre serviu como um alicerce na hora de justificar para a Capes a criação de um programa de pós-graduação ou de uma graduação. E a graduação, ela foi avaliada a melhor no exame nacional. Nós temos vários alunos no exterior trabalhando, ou estudando. Nós temos vários que são diplomatas, vários que são de empresas. Veio um sujeito, o encarregado de relações internacionais e comércio exterior da Federação das Indústrias aqui do Rio Grande do Sul. O sujeito chegou aqui e queria fazer mestrado. “Por que você quer fazer mestrado aqui? O que você ganha com isso? Você não vai ter tempo de assistir a aula.” Ele disse: “Não, professor, pelo contrário. Eu juro que eu faço a dissertação, mas eu quero é assistir as aulas.” “Por quê?” “Porque eu estou tendo que orientar os nossos associados sobre as oportunidades do mercado africano, Oriente Médio, Ásia, e eu vou lhe dizer: eu estudei administração de empresas nos Estados Unidos e eu não consigo compreender isso aí e estou vendo que, na verdade, as coisas estão acontecendo.” Bom, esse aí virou um parceiro nosso, porque ele fez o curso, gostou muito e levou para lá essa experiência. Então eu gosto de um trabalho acadêmico que interaja com coisas fora da academia. Se eu vivesse só dentro da academia... Eu dou entrevistas para jornais. É claro, eu evito o excesso. Isso desgasta, mas eu dou entrevistas. Às vezes precisa ir à televisão, eu vou à televisão. Às vezes um grupo qualquer precisa de algum... Eu vou lá e falo. Procuo acessar outras áreas, etc. Nós vimos uma lacuna agora, uma coisa absurda, de falar com os alunos, jovens, alunos viajados, e dizer: “Bem, você...” Questão do Muro de Berlim: “Muro de Berlim? Ah, sim, é um show do Pink Floyd.” “Não, também foi um show do Pink Floyd, mas tinha um muro ali.” “Como é que foi essa história? Porque teve uma guerra, fizeram um muro.” Eu disse: “Não, o muro foi feito depois.” Aí realmente um aluno, também um aluno qualificado disse: “Não, mas aqueles países do Leste europeu só tinham agricultura, não é?” Eu falei: “Não, o contrário. O fraco deles era agricultura. O socialismo nunca conseguiu produzir um sistema agrícola eficaz.

Na indústria que eles eram bons.” Aí a gente fez um livro, a gente fez um curso fora daqui de especialização e depois transformou ele em um curso de extensão, porque houve uma demanda. Quinhentas pessoas fizeram esse curso e nós acabamos fazendo um livro, que é um... – o Hobsbawm escreveu um livro, aquela coleção *História do marxismo* nos anos 1980, foi a última coisa que saiu – simplesmente devido à ignorância que as pessoas tinham sobre quais foram esses países, o que aconteceu. A gente fez quase que uma espécie de enciclopédia. Um livro informativo com bibliografia nova e antiga também, porque muita coisa boa ficou guardada nos caixotes, mas há hoje uma produção e, curiosamente, os países anglo-saxões são os que mais têm desenvolvido uma revisão historiográfica profunda sobre esses regimes, assim, honesta. Honesta, não estão preocupados em julgar nada. Então nós fizemos esse trabalho, que também já está esgotando. Ou seja, a gente procura interagir e interage muito com os alunos., como é que isso me levou, além dos seminários em geral, pesquisa conjunta com colegas de outras instituições, etc. Eu estive na cátedra Ruy Barbosa de estudos brasileiros na Universidade de Leiden, na Holanda. Uma universidade *muito* antiga. Três vezes eu já estive lá como professor, mas uma vez ocupando essa cátedra. Uma professora muito dinâmica lá, ela viveu no Brasil quando era criança, mas ela é holandesa, e ela se sente brasileira e ela luta muito por divulgar. O ano passado houve o edital da cátedra Rio Branco de relações internacionais em Oxford, também estive lá. Como cátedra é isso O meu pós-doutorado eu fiz na *London School of Economics*, mas eu sempre tentei aproveitar a oportunidade de passar períodos assim, um mês, ou no máximo três meses em centros de estudos africanos, asiáticos, ou de Oriente Médio. Aí conversar com pessoas que são especialistas disso. Eu, em geral, aproveito, faço muita coisa em pouco tempo, então eu me dedico muito, eu penso muito. Às vezes perguntam: “Ah, por que você não passa um ano lá?” “Olha, se eu passar um ano aqui, eu vou deixar de fazer mais uma outra coisa em um outro lugar.” Então, normalmente, são parcerias que ficam, que me abriram muitos espaços também. Estou muito feliz também que muitos ex-orientandos já tenham... Já tenho 15 doutorandos já defendidos e mestrandos muitos mais, mas muitos deles são professores universitários hoje em outras instituições. A gente intercambia ideias, a gente montou grupos de pesquisa. A gente tem um centro de estudos africanos aqui, que é uma colega que é a coordenadora. Então, vamos dizer assim, eu vim dentro da História, eu acho que eu sempre mantive alguma linha na reflexão da realidade econômica, ou seja, não pode estudar nenhuma ação política se não tiver uma ideia da sociedade e da economia que estão por baixo, mas o foco é muito mais para a política. Então

são muitas publicações e muitas atividades na área. Eu já poderia... Sou professor titular, fiz concurso lá na História e a vaga aqui também era de titular. Eu trouxe para cá essa posição. Titular concursado, porque agora eles criaram uma passagem da carreira. Então eu pude interagir muito com o Itamaraty. O Itamaraty é muito útil para nos abrir portas em lugares que são absolutamente impenetráveis. Essa visita à Coreia do Norte, que resultou em um pequeno livro – que eu estava fazendo antes, mas apareceu essa oportunidade dessa visita – a nossa embaixada lá foi decisiva, porque eles nos deram a visão de quem está lá dentro olhando e sabe quem é quem, as redes de poder que existem e a complexidade do que é visto do lado de fora como uma caricatura. Então essa oportunidade, de conhecer esses lugares e de conseguir ir mapeando o mundo e depois, se você pega o jornal e vê uma notícia, a notícia pode ser a mais distorcida do mundo, você consegue captar o sentido. É isso que eu procuro passar para os estudantes. “Olha, se você entender os mecanismos de funcionamento das coisas, a informação cai daqui, ou cai dali...” E como diz o Golbery de Couto e Silva, dizendo que ele chegava em casa com o jornal, abria o jornal, ia ler e a mulher dele ficava incomodada porque não dava atenção e tal: “O que você está fazendo? Você está lendo o jornal? Você disse que jornal só tem mentira. Por que você está lendo?” “Para saber as mentiras.” Então você sabendo as mentiras, você sabe as verdades. Isso tem sido muito, muito, muito gratificante. Lamentavelmente, eu acho que a situação que a gente está vivendo no mundo hoje é preocupante. Analisar a percepção que as grandes lideranças, as grandes potências têm da realidade...

C.C. – Preocupante mais em termos econômicos, políticos?

P.V. – As duas. Eu acho que há uma guerra econômica em marcha. A inovação tecnológica, o descompasso das regiões que estão ricas, das regiões onde tem crescimento demográfico, etc., está havendo essa tragédia no Mediterrâneo e tal. Então eu acho que a visão que tem, vamos dizer assim, nem todos estão jogando com time titular ainda, mas acho que entraram por um caminho que vão testar até aonde podem empurrar o outro sem começar uma guerra. Mas aí meu lado, a minha formação de historiador me puxa às vezes. Aí quando você começa a olhar como é que ocorreu a primeira, como é que ocorreu a segunda, sabe? E as análises que eles faziam na época... Primeiro você fica deleitado com os fatos, começa a entender os processos, mas tem aquela última etapa, quando você entra na cabeça dos caras e começa a vir documentação, aparece documentação, você diz assim: “Qual era o cálculo que eles faziam?”

Meu Deus, era um loucura, eles estavam completamente equivocados sobre o que estavam começando. Achavam que era um processo fácil e não era. Então eu acho que hoje nós temos um período...

C.C. – O historiador é aquele que sabe o futuro...

P.V. – É, de alguma maneira. Tinha aquele livro lá do George Orwell, que eu li também na adolescência, gostava muito daquele livro, *1984*, dizia: “Olha, quem controla o presente, controla o passado. Quem controla o passado, controla o futuro.” Então acho isso muito preocupante. Acho preocupante o grau de alienação que as populações estão submetidas. Estou procurando entender um pouco hoje o impacto desses meios de comunicação. Hoje você não pode mais mandar e-mail para aluno e eu me recuso ter Facebook, porque eu acho uma invasão de privacidade. Eu acho uma forma que ela está aí para cobrir uma lacuna psicológica das pessoas, até. Sociológica e psicológica, uma carência. Mas os nossos centros aí todos, nós estamos criando Facebook e Twitter agora. Não dá, porque nem adianta você mandar para a lista de e-mails, porque a coisa vai hoje por outros caminhos. É interessante e gostoso nas relações internacionais nunca parar de ter que estudar alguma coisa. Por exemplo, quando você tem o 11 de setembro... Mesmo que eu tenha o fim da Guerra Fria, necessariamente eu teria que começar a estudar um pouco de economia liberal, integração, etc. Vem o 11 de setembro, Dois temas que estavam... Um tema que estava morto, que era a questão de defesas, questão militar, inteligência, e outra que não fazia parte da área, que era uma coisa meio antropológica e cultural. Ou seja, não é entender o Afeganistão, etc., mas não pode pegar e fazer organograma, quem é o líder. Líder do que? Líder do que? Quem são essas pessoas? Qual é a visão deles? Qual é a ligação deles com aquelas monarquias impenetráveis do Golfo? Então você tem que mergulhar nas religiões, na coisa, para criar... Aí, de repente, o que foram as últimas coisas que eu comprei? Livros sobre a história da Terra, história *física* da Terra e questões climáticas. Por quê? Porque hoje a questão dos recursos naturais e ambiental, mudança climática, etc., isso virou um tema basicamente obrigatório e aí você não pode pegar sempre isso de segunda mão. Comissão tal da ONU. É apavorante! É apavorante, às vezes, quando chega uma coisa que diz assim: “Uma comissão que a ONU fez para não sei o que.” E aí você começa a entrar por dentro, faz uma pesquisa aprofundada e descobre quem são as pessoas que estão ali e como é que elas foram recrutadas. É chocante! é chocante! Há um livro de um americano sobre o conflito em Angola e ele estava dizendo que estava assistindo um comício da Unita no interior

do país, quando teve eleição e apareceu lá uma jovem americana de 23 anos. Aí ele disse: “O que vocês estão fazendo aqui?” “Você é de onde?” “Ah, sou do Tennessee.” “Ah, e o que está fazendo aqui?” “Eu sou da comissão de observação da ONU.” “Mas o que você sabe de Angola?” “Eu não sabia muito de Angola, não.” “Você sabe português?” “Não, não falo português. But they are cool, isn’t it?” Ele disse: “Olha, eu não acho. Eu acho esses caras uns bandidos. Esses caras são os mesmos que fizeram todos os outros comícios que houve desde ontem. São as mesmas pessoas. Eles vão de aldeia em aldeia com algumas pessoas locais, se juntam e parece uma grande manifestação. Isso aí vocês reportam o quê?” Aí ele chegou assim, eu fiquei pensando: “Deus, ela tinha algum amigo: ‘Olha, tem um negócio lá em Angola’.” E ela era uma observadora das eleições, que vai fazer um relatório depois. Realmente é muito complicado isso. Eu já teria tempo de me aposentar, mas acho que... Espero entrar agora em uma fase em que eu me livre um pouco de trabalhos burocráticos e de fazer só aquelas coisas que às vezes os *sponsors*, os caras que dão financiamento, eles querem que você faça. Ou seja, se você não cita certos autores, se não faz tal linha de pesquisa, eles não se interessam. Então, como eu já tenho há 20 anos essa bolsa do CNPq, agora vou tentar estudar outros fenômenos, etc. Ver esse debate teórico nas relações internacionais, que é um debate muito malconduzido, porque é um debate que esconde determinadas realidades, aliás, te mostra um antagonismo entre – eles chamam – liberalismo e realismo. E na verdade existe uma riqueza de correntes. O próprio materialismo histórico não tem uma teoria das relações internacionais, mas ele tem uma contribuição muito grande e que tem que dialogar com as outras correntes. Alguns garotos passam dois meses em uma universidade americana, fazendo lá um sanduíche, voltam e voltam achando que são donos da verdade. E o conhecimento empírico deles é muito pequeno. As relações internacionais, elas são muito dominadas por uma visão que vem da Ciência Política e agora eles veem que a importância da História é fundamental. É fundamental. Se vai falar sobre China, Coreia do Norte, quer dizer, se não tem a história... Eu digo, inclusive, a história remota, porque muitas das formas de poder que eles têm hoje, que eles exercem, isso aí não é sinal para o mundo, é sinal interno. Então é quase que a volta dos antigos imperadores. E aquilo ali tem um sentido de legitimidade interno, porque eles sempre lutaram contra... Para manter autonomia contra grandes potências, em relação a grandes potências. Então quando o comunismo caiu, eles começaram a resgatar essa coisa da hereditariedade ali. Não estava garantido isso ainda. Isso aí levou 15 anos para ser aceito. Então eles têm uma mescla absolutamente estranha de comunismo e de um confucionismo, uma monarquia confuciana

moderna. com um garoto que estudou na Suíça. O garoto estudou na Suíça! Então eu sei que aquilo ali é quase indescritível. Se leva muito tempo para processar isso aí. Mas um conhecimento prévio é fundamental. O respeito com o qual... A pessoa que chefiava a delegação, que não era acadêmico, trocava os pés pelas mãos, fazendo aquelas perguntas que diz que ofendem. “Qual era a taxa de desemprego na Coreia?” Bufou assim. “Aqui ninguém fica parado. Nem na cadeia. Todos comem, todos trabalham. O desemprego não existe. Se você ver alguém parado, me avisa.” Ofendido. Ele não conhecia a história da Coreia. Aí ia falar para os outros, o sujeito no segundo dia começou a me chamar de *Professor*, respeito à hierarquia, durante as visitas oficiais sempre se dirigia ao chefe, mas depois, na hora do chope, aí ele queria saber de mim: “O que você achou disso? O que você pensa daquilo? Como é que é no Brasil? Você esteve na África? Você viu as nossas construções na África?” “Vi. Estive em tais países. Vocês constroem monumentos.”

C.C. – A tradição acadêmica brasileira em várias áreas das Ciências Sociais e Humanas é muito de estudar o próprio Brasil. É muito voltado... Você vê a grande...

P.V. – Geralmente em Paris.

C.C. – História, Antropologia, Sociologia, têm como tema o Brasil. Se você propor fazer uma tese de Antropologia estudando alguma coisa na Coreia ou em outro lugar é visto uma coisa estranha. “Mas por que você não vai estudar o tema aqui?” Então eu acho que tem uma característica, não sei, de um país periférico talvez? O que é?

P.V. – Nós tivemos também muito contato, temos muito contato, com militares das academias – são pessoas muito sérias. Não tem mais nada a ver com aquela coisa de regime militar. Gente muito séria e tal –, com pessoas da área econômica, não só privada, mas Ipea, tudo isso aí. São áreas que dão grande contribuição ao estudo das relações internacionais. Todos eles dizem uma coisa, que foi mais claramente formalizada pelo Itamaraty. “Nós temos que formar especialistas sobre outras regiões do mundo.” Ou seja, o Brasil não pode ser só um receptor de conhecimento. Essas conexões, que se fazem com instituições também... Então muito desse trabalho, não só pesquisa, mas foram encontros acadêmicos, no sentido de fomentar a cooperação entre universidades indianas, sul-africanas, brasileiras e de tantos países assim. Ou seja, eles se encontram em um campo fértil. Então você chega em uma livraria indiana... Eu

fiquei *enlouquecido*. Ainda bem que os livros eram quase de graça. Eu só paguei por excesso de bagagem. Mas você chegava, assim: “Poxa, eu estou desfalcado da compreensão da Ásia Central.”. Ásia Central ressurgiu como uma área independente e dizem: “Bom, são islâmicos”, e botam no mesmo saco dos outros. Só que tem um detalhe. As populações são basicamente urbanas, 100% alfabetizada, as mulheres emancipadas, os jovens emancipados e a religião não é mais do que um ritual, como qualquer pessoa que quer casar de branco na igreja e você vai dizer que são católicos por causa disso? Então não tem sentido. Não tem sentido aquilo. E aí eu cheguei e perguntei para o indiano: “Vocês têm alguma coisa sobre a Ásia Central?” Apontou para trás de uma estante. Aí o para trás era a estante inteira. Então eu fiquei horas e horas. E a produção é assim, olha, *gigantesca*. Tanto livros que eles conseguem em uma espécie de acordo privilegiado publicar a preço barato. Grandes editoras de Nova York, de Londres e tal também publicam na Índia, mas com um selo ali que diz assim: “Esse livro só pode ser vendido na Índia.” Ele é feito na Índia, uma qualidade um pouquinho inferior às vezes de material, ele é feito ali, mas ele custa um décimo do preço que custa em Londres. Fica assim, não sabe o que pegar e vê a produção indiana *riquíssima*., Riquíssima. Ideias de pessoas que também têm profundo conhecimento. Alguns estudaram na Europa, outros não, enfim. E vê movimentos hoje. As elites africanas mandando seus filhos para a China, estudar na China. “Lá que está o futuro.” Você chega em todos os países e ouve quase a mesma coisa. “O meu mais velho foi para os Estados Unidos, mas os outros dois eu mandei para a China.”

C.C. – Aprenderam mandarim?

P.V. – Aprendendo mandarim e estudando questões técnicas lá, sabe? Faculdades técnicas. Então é algo muito interessante, muito gostoso de compreender isso aí. Ou seja, começa naquele processo lá de entender, começou naquele processo de entender a história, aí junta com economia, com tudo. E você chega e cria uma grande teia que se fecha, as coisas convergem para te dar uma visão da realidade.

C.C. – Aí você está gostando então dessa fase: ter menos compromisso acadêmico burocrático.

P.V. – Estou tentando, não é? Porque o computador, ele vai nos tornando um proletário. Ele vai passando os trabalhos dos técnicos para a gente. Há uma expansão enorme da rede sem recursos, ou seja, você tem... Na época do Lula para cá, vamos dizer assim, as instituições

federais, elas duplicaram em termos de volume de pessoas, mas não tanto de professores e nem de infraestrutura. Então você tem que dar parecer para milhões de coisas e hoje todos os alunos apresentam trabalhos em congressos, aí você tem que validar se aquele *paper* é adequado ou não. Então, assim, às 4h da tarde é que a gente consegue começar a trabalhar. Começa a trabalhar para a gente e alguma coisa que você tem que pensar começa às 4h da tarde. Porque é só demanda que você tem que responder, que tem prazo, etc. Então esse é o lado ruim de hoje. É isso: uma carga de trabalho burocrático. Mesmo que ele não esteja ocupando nenhuma função. Não vamos chamar isso de burocrático, mas a quantidade de pareceres que eu tenho que dar por semana sobre artigos de outras pessoas... E mais: você se especializa nesses temas que as pessoas não conhecem. Aí, poxa, o garoto soube que Seicheles de 1977 em diante começou a se aliar a um regime socialista marxista. E que, mesmo com as eleições, o presidente se reelegeu a vida inteira até que se aposentou e passou para outro. E que lá tem um sistema muito avançado de educação, o dinheiro do turismo é extremamente bem empregado socialmente. Visitei lá. Aí alguém descobre isso, leem lá, fulano tem um pequeno artigo sobre Seicheles. Aí já cai aqui para você. Entende? “Mas eu não posso.” “Professor, mas o senhor é o único que lá esteve.” O Itamaraty às vezes me liga: “Nós precisamos, temos uma missão para você aqui.” “O que é?” “Precisamos que você vá ao Suriname fazer uma palestra.” “Suriname? Mas olha onde é que eu estou aqui no mapa. Vocês estão tão perto.” “É, mas não sei o que”. Todos que convidamos recusaram. Aí eu cheguei, viajei o dia inteiro até Belém, dormi em Belém e peguei o Meta (Mesquita Transportes Aéreos), que nem existe mais. Eram uns Embraer velhos, com dois motores, 19 lugares só. Metade eram garimpeiros analfabetos e aquele troço com a lata amassada, voando em cima da floresta amazônica, chega lá. Aí chega lá, uma universidade moderna e tal. A pessoa que convidou, começo a conversar com ele, aí ele disse: “Não, eu dei aula na Universidade de Leiden.” Lá foi uma colônia holandesa e há uma marca: “Eu estudei em Leiden”. Encontro na minha narrativa dos fatos internacionais, dos processos internacionais, aquela visão que teve também de um homem que foi partícipe da independência do seu país, da libertação nacional e tal. Um grande erudito. Foi ministro, tinha sido ministro do país. Agora era um professor em fase de aposentadoria. Uma ligação... Ele disse assim: “Olha, o senhor é o primeiro brasileiro que se dignou. Todo mundo assina acordo, ninguém vem aqui.” Conseguimos que a pessoa viesse. Não veio para o Rio Grande do Sul, mas conseguimos que fosse fazer um curso em outro local. Temos um doutorado que chamam Dinter, que é interinstitucional. Então com uma absoluta solidariedade.

C.C. – Com quem é o Dinter de vocês?

P.V. – Roraima. Então daí esprou também para Guiana, para Venezuela e tal. E ajudamos eles ali a conceber uma... Eles tinham um núcleo de estudos amazônicos e caribenhos, mas lhes faltava foco. A gente chegava lá e dizia: “Olha, vocês podem ser o fim do Brasil, ou podem ser uma porta de entrada.” Então você chega lá, forma doutores lá e interage com um Brasil que nem imaginava que existia. Porque a internet, a luz vem da Venezuela. Não tem ligação com o resto do país. Imagina uma coisa dessas. Isso vai abrindo, abrindo, abrindo. É uma coisa formidável. A minha trajetória é essa e eu gosto muito. Não me arrependo de nada. [riso] E continuo sendo uma pessoa com uma visão crítica sobre a sociedade. A gente pode comer caviar e apreciar, mas a gente não precisa esquecer do resto e de tudo que vai acontecer nas próximas décadas. A história não terminou e o mundo, ele está atendendo a uma integração quase que completa, que vai fazer com que as tensões, elas atinjam pontos que, provavelmente, vão nos dar aquela oportunidade, com relação de força politicamente para resolver alguns grandes problemas. Que essa globalização, ela ficou lá no campo econômico, comercial, tecnológico, mas você não tem a globalização... Falta a dimensão social, que é a questão da jornada de trabalho. Um planeta que está envelhecendo, a desigual distribuição de população nos países, então tem que discutir a questão social nesse patamar maior e tem a questão democrática, que quer dizer o seguinte: quem é que toma as grandes decisões planetárias? Atualmente é a OMC, o Fundo Monetário e o Banco Mundial. Por isso uma luta contra os Brics, para que os Brics não criem um mecanismo alternativo. Então tem que ter a reforma da ONU. E a terceira questão é a questão ambiental. Não mais a questão ambiental só como preservacionismo, “vamos salvar o planeta”. É que o capitalismo, por 500 anos, cortou uma árvore que existia ali. Não teve custo para ele. Ele encontrou a árvore, cortou, fez um móvel e vendeu. Agora ele tem que ter um terreno, um estudo com viabilidade ambiental, plantar a árvore, cuidar dela cinco anos, e cortar. O custo dessa árvore, talvez ele vá impedir que esse capitalismo ali, que existe hoje na sua planilha de custos, possa sobreviver e que essa sociedade de consumo, quando bilhões estão entrando na faixa do consumo, graças ao chineses, nós chegamos ao limite que... Ou seja, ao se completar, se anulam algumas capacidades que o sistema tinha de se expandir e se manter com as suas desigualdades. Agora é uma hora, historicamente, formidável para quem viver. Eu digo para os meus alunos: “Olha, vocês são

privilegiados, porque vocês vão ver esse processo acontecer e vocês vão poder interagir se abrirem os olhos.” Então, é isso. Vocês tinham alguma coisa a mais que pudesse...

C.C. – Não, está ótimo. Acho que foi muito abrangente dessa trajetória do momento atual. Bom, agradeço muito mais uma vez, pela sua disponibilidade.

[FIM DO DEPOIMENTO]